

Minha solidão conversa contigo. Receba minha última poesia como uma antiga declaração repetida, pede socorro. Impulsos circulam enquanto um resto de prudência desacelera a urgência que de tanta pressa nem amor mais é.

As injustiças se perdem nas delicadezas. A sórdida mentira, o falso testemunho, a traição banalizada, a incultura premiada, a estupidez homenageada, são administradas como valores iluminados pela sabedoria dos canalhas protegidos por sujas interpretações que sustentam os maus motivos.

Meu corpo me afirma que não acabei, nele se desperta o amor confessando interesses principais com generosas intensidades. Polemizando prioridades minha inspiração ocupa todos os meus desertos.

Há um hiato entre dois nadas, fragmentos situados em camas e mesas privilegiadas, sem repousos, entulhadas de aplausos e festejos.

Cancelo os beijos, as carícias, as palavras. Cancelo os olhares, os desejos, as esperanças, as vezes que esperei, cancelo os argumentos, as razões. Não sei dizer-te onde começam os abandonos e cancelo as procuras.

Quanto custa amar, sentir. Somos uma correia de transmissão entre o amor recebido e o amor dado. Condutores de pesares ou de esperanças.

Há fomes maiores, refúgios complicados a mostrar em preto e branco a lente que revela a cor do mundo.

Frente ao tempo que guarda em silêncio o improvável e o imponderável se transmitem os desconcertantes indícios do avanço permanente, queiramos ou não, desconexos, penosos, experiências remendadas, aventuras abortadas, incluídas no baú das peculiaridades, versões corrigidas, repetidas, iludidas como diferenciais.

Pouso em ti meu olhar mais lento retardando tua passagem, teu aparecimento. Olhos atônicos, quase parados diante da densa e emotiva presença. Vais disposta, feita a manter distâncias, o espaço esvaziado choca e engole uma imensa imaginação.

A Natureza não torna capazes de amar a todos com a mesma convicção, prazer e duração. A variação colore a semelhança marcando a diferença. Há os que evitam, os que abominam, os que se assustam, os que se fragilizam, os que usam e os que descartam, os que acendem e os que apagam. Os que roubam e os que doam, os que gozam e os que desperdiçam.

A hipocrisia é escandalosa, emite espetáculos, explora, é intervencionista, manipuladora, condenatória, excludente, injusta na sua permanente luta.

Em contextos territorialmente divididos, se tramam distribuições, consumos, poderes, avanços e atrasos. Abundam trabalhadores desqualificados, precários, aliciadores; incluídos em todas as áreas de cuidados, invadem todas as esferas da vida.

Que se faça o milagre da mútua aceitação. Que seja a esperança uma armadura contra o infinito desconsolo. Que se destine uma recepção que possibilite a certeza nos vínculos.

Lenta e minuciosamente realço encantos, substituo tudo àquilo que não seja o essencial.

As intimidades arrastam a poesia e o querer, são intensidades e impulsos que diluem a diferença entre o real e a fantasia. Ruidosas, assustadoramente atraentes, quase-vícios, as intimidades atropelam a espera, e, pungentes, desembocam no carinho inesperado, cantam e silenciam, prometendo impossíveis permanências.

Porque o amor é histórico, ele necessita, para sua sobrevivência, de uma continuidade que uns poucos inauguram e acrescentam para esclarecer que mais que uma força do imaginário ou uma imaginação dos sonhadores, ele é o resultado de quem o pode abrigar e cuidar como essência e alimento.

A suavidade com que o amor expressa a bondade faz dano à maldade, que se apoia na maledicência e na arrogância individualista.

Para o regozijo do outro, quando o dia amanhece inventam-se promessas de uma breve pausa frente ao novo encontro antes que o dia se vá.

Promovo contigo a descoberta de um novo riso, um estranho motivo que te fará pedir bis, uma nova razão para criar uma coragem. Afasto toda indecisão, germino um sentido que te fará ser meu alimento.

Falo da tua graça, que parece improvisada, falo dos meneios deste teu corpo que seduz para excitar desejos freados. É uma longa espera, inata, uma promessa que governa o belo em direção ao impossível, inventando a nostalgia. Apresentas-te como um sonho de amor harmonioso, embora escondas tempestades, nada em ti é previsível; longamente esperada, dás uma grande incerteza sobre teu destino e tuas escolhas.

Suspendo o tempo para ficar infinito na tua vida, minha mão te alcançará em qualquer distância para estar sempre no teu centro, sendo tua natureza, teu sal, tua raiz, até que se esgote a última razão de seres minha.

Quando se pensa haver alcançado o fim dos valores, o amor reintroduz esses mesmos valores com nova roupagem para avisar que ele seguiu intacto, com novas possibilidades de instaurar seus propósitos.

Evoco a excitação que me comunica esses sentimentos permanentes. Partilho a alegria de viver dando ressonância à fertilidade que me anuncia que em ti eu tenho a raiz.

Desvia o golpe, abraça-me. Torna sincera toda tentativa, toda proposta. Seja digna da transgressão combinada. Queira-me bem, por inteiro, tornando nosso amor protegido dos infortúnios que rondam os amantes em busca de parceiros. Abandona as regras, desordena esse excesso que nega à liberdade seus direitos. Converte em festa cada rotina. Fixa de antemão perder o controle do tempo, usando uma força que nos desvarie e nos deixe cruzar novas fronteiras. Decreta minha felicidade.

A solidão e as orgias limitam a investigação, porque as razões são sensíveis à qualidade e exigem dedicação e cuidados que a quantidade não permite alcançar.

A primeira manifestação foi uma homenagem; a segunda um chamado de atenção; finalmente, um mérito conseguido. Toda vez que te encontro, sei o lugar para onde meu amor será remetido. Tua acolhida me aquieta, esculpe em mim um gozo. Perto de ti o efêmero fica mais palpável; perto de ti estão as delicadas e esperadas gentilezas retribuídas.

Eu te ofereço o espaço do risco, do profundo existir, da aventura, do indizível porque te confio minhas impensadas faltas de autonomia. O que não penso e não concebo é que algum dia me penses como esquecimento. E por todas as considerações não estendo nada porque nada posso mostrar. Minhas saudades, minhas ansiedades, como segredos aprisionados, guardo como relíquias não expostas. Legendam o contato e se expõem à luz, sem omissões, aquilo que organizou nossa história e deu o direito da narrativa aberta e sem cortes nem censuras. Esse funcionamento confirma que o passado não oculta; revela.

Essa singular coincidência de comparar diferenças! A alma, mal vestida, pede quase esmolas. Atrevidas, as carências tentaram entrar na tua vida, buscando ar na tua respiração e sangue iniciante para meu corpo cansado de notícias e decepções.

Quando tudo canta e a boa vontade me inunda o peito, que pena! ir-se tudo. Depois de tanto aprender, levarei da existência tantas saudades. A vida, essa menina brincalhona, provocativa, fugidia, sem um gemido, sem uma queixa, vai-se embora tão cedo, que pena!

Ainda sem reparar que aquele que veio era diferente daquele que foi, com mais marcas, mais sustos e menos esperanças, necessito de um bom arranjo que me sustente.

Mais arrependido fico quando a intenção de uso é majoritária. A romântica alma desacompanhada. Os versos reproduzem a graça enquanto os pensamentos não respeitam a satisfação, com o anonimato dos personagens validando a decepção.

Trata-se de inventar um mundo à parte, mas que seja tão real como esse que aí está ao nosso lado todos os dias. A impossibilidade do convívio subproduz o viver,

construindo supérfluas e efêmeras felicidades, embora tente nos convencer de que algo da vida nasceu mal formado e não depende nem espera mudanças ao nosso alcance.

A cada ano desejosamente mais próspero, um ano a mais de vida. A cada velho carregado em funeral, novos nascimentos. Como luzes de vigília, os filhos, tendo filhos, perpetuam a espécie, mantendo o nome para nomear a referência de seu pertencimento familiar.

O tempo não apaga o que a gente quer recordar, é a gente que se esquece de lembrar. Minhas amnésias estão cheias de recordações, minha solidão está acompanhada dos que me amaram; as imagens que guardo de meu passado sobram para preencher meu presente e muitos futuros.

Tomarei providências; para que as diferenças aviltantes não impeçam o amor de se instalar em paz. Infinitamente reproduzido, esse amor combinado absolve e incentiva a espera das presenças, chama as tentações, desnaturalizando os sustos que o gozo é capaz de generosamente distribuir.

No sucessivo, lembrarei que por um triz salvei o olhar que dignifica a decisão de tornar visível o milagre do reconhecimento e da mútua aceitação. Que continue a esperança dos encontros, a serenidade das coincidências.

Reproduzo inventos, graças que não correspondem aos acontecidos, aperfeiçoo a suavidade que o amor declara na gentil necessidade, fundamental para a sua existência.

Tenho tantas memórias que não cabem mais dentro de mim, delego, distribuo, emancipo densos segredos, reparto.

Habituei-me ao ardor dos beijos, a curvatura do adeus fácil de recordar em qualquer memória. Alego razões aceitáveis para todo quase; o não acontecido, usando sinônimos que inventam vantagens nas transitórias companhias.

Gesto meus sonhos e verto a emoção. As ausências levam minha poesia. Então, vazio de tudo, falo sozinho declarando amor em voz alta. Treino fugas que me deem uma

saída. Eterno aprendiz de novos hábitos, desafogo as ordens impróprias porque as margens se estreitam e as necessidades permanentes permanecem.

Resvalo em vacilo que não reconheço meu, porém logo retomo minha viagem, indo a festas, enterros, consultas, esses múltiplos encontros diários.

Tudo que encerra a vida, guarda o passado fresco, reafirmado no presente, e retarda o futuro para não se perder depressa para o amanhã.

Alimento uma ordem que desperta o assombro. Embargadas as desistências, convém dar sentido contrário para que se arremessem as palavras, não entrando revoltas torcendo-se agoniadas na declaração e na intenção. Elas brotam, partem para lugares ignorados até que se lhes destine onde cada uma deverá ficar para compor de forma pouco usada. Atiradas como surpresa deverão roçar o incomum para afinar e andar juntas.

Na contraprova, em tua companhia confirmo uma ausência de cuidados, uma autonomia ocupada, uma clemência rendida, a bagagem armada, uma Europa idealizada, uma cultura dominante, os sorrisos aprisionados até a próxima viagem.

Deixo-me vencer pelo cansaço de tantos prazeres repetidos, vendo no teu rosto uma graça sempre nova preenchendo de vaidades as pernas, os braços, a boca, as ideias, os pensamentos. Deixo-me enganar pela imaginação sem concerto para não interromper o sonho do qual me alimento.

Enquanto o tempo me permita lembrar, farei dessa capacidade a única e a mais importante de todas. Apropriado da minha existência, circulo entre o passado e o presente.

Coletó histórias, transporto desanimadoras e alentadoras notícias, conto histórias para melhor suportá-las. Algo alcanço, não disponho mais da memória que me diga aquele que fui, não posso perder mais um só momento procurando. O presente me pede presença.

Escapado como um louco, fugido da omissão. Dou nome aos pedaços distribuídos. Por tudo o que vivi torno atual uma restituição. Interiorizo menear essa vida ao meu sabor. Ensaio agonias, me recolho, busco interlocutores, procuro alguma vantagem que acenda uma chama que me ilumine e livre dos riscos sem calculo e dos incômodos indesejados.

Eu estou por aqui com sobras de afeto, disposição total e alterados interesses. Sempre esta desarmonia chega sem pedir licença, se instala e vai ficando até se viciar em me tirar a paz permanente.

Prudente sei que com o tempo perco as forças, irão aparecer menos os desejos, menos efusivas as manifestações. Serei pouco para exercer limites entre o que aspiro e o que posso.

Acautelado como se não quisesse mudar, uso argumentos. Convido-te a repetir as intimidades. Para aonde irá o amor que te entrego na intimidade total? Convido-te a que seja recíproco, dar-te o encanto do meu apego, quem resgata os meus desejos.

Sendo a vida um processo continuo, leva consigo minha sombra, ela vai por mim aonde eu não vou.